

LEONARDO GANDOLFI \*

*Sub Rosa*

Palma da mão aberta, por cima da pele  
deito esta queimadura que, como parece,  
não doeu quase nada. Depois de uns minutos  
e de outras tentativas menos eficazes,  
acendo meu cigarro para que nada fuja  
do controle. Você não precisa dizer  
tudo, eu quero só o nome e pronto acaba.  
O cigarro por isso começa a sumir  
cauterizado sob a pressão da mistura  
de rosa e roxo em sua bochecha, a esquerda.  
Sim, a mesma que já cedera aos hematomas  
da mesa onde depois iríamos prender  
seus braços já sem força ou quem sabe quebrados.  
Duvido que diga algo além dessas bobagens.  
Só mais um pouco, já começamos, agora  
é terminar. O que é isso, você ouviu?  
Ouvi, acho que veio lá de fora. Não,  
foi da cozinha, calma aí, eu volto já.  
Tiro e coloco então sobre a mesa o revólver,  
como das outras vezes, tenho pouco tempo.

\* Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e autor do livro de poemas *No Entanto d'Água* (7letras, 2006). Atualmente trabalha como professor substituto de Literatura Portuguesa na UFRJ.

*O grande vidro*

Poderia ser um crime aquilo que persegue ou poderia ainda estar sendo perseguido pelos mesmos que tinham capturado os demais. É um homem igual a qualquer outro, poucas horas de sono, algumas histórias e um revólver que deveria ou não vir por baixo de sua camisa. Como nós, acredita em Deus e na possibilidade de nem sempre ter as coisas por perto. Mas em breve podem lhe apontar uma arma ou talvez seja ele, ainda aqui, quem deva apontá-la para alguém. Às vezes pensa que não existem muitas escolhas. Sim, talvez apenas nós possamos adivinhar o porquê dos disparos. Por isso é que entendemos, até mais do que deveríamos, sua pressa. Seríamos capazes de repeti-la, se necessário, assim como já fizemos a outros. Porque, querendo ou não, já sabemos onde toda a trama termina. Enquanto isso, continua, a caminho tropeça. Prossegue até que vence a margem. Atinge a borda. A cidade como qualquer outra numa situação dessas é mal iluminada. Então olha para trás. Uma folha é uma folha, diz. Chove. As testemunhas, que não podem ser vistas, acabaram de chegar. Quanto tempo ele ainda tem, perguntam. Poderia ser um crime aquilo que persegue ou poderia estar ainda sendo perseguido pelos mesmos que tinham capturado os demais. É um homem igual a qualquer outro, algumas histórias e os mesmos passos em falso. Como nós, lentamente ele se apressa. Imóvel vê apenas o que vê. Finalmente nos encontramos, diz, me chamo Boileau, qual o seu nome?

*Estrondo mudo*

A sala  
com espelho duplicava os objetos.  
Mesa, cadeira e inclusive o sigilo.  
A paciência não, essa tinha acabado.  
Contra a mesa apago o cigarro.  
A mesma imagem no reflexo. Certo,  
depois a fumaça e a demora com que se dispersa.  
Nada pessoal, mas, você sabe, é o nosso trabalho.  
O cinza da fumaça toca enfim o cinza aberto do espelho  
e, embora não faça diferença, essa cor fica ali.  
É como se também aguardasse.

Ao lado uma pia onde lavo as mãos.  
Nunca gostei de pessoas que gritam muito.  
Respeito até certa sobriedade frente à dor,  
mas a sua, confesso, a sua está nos cansando um pouco.  
Os olhos na imagem desse mesmo espelho,  
sei, manga arregaçada, que não dirá mais nada.  
E realmente não diria coisa alguma  
até seu queixo colidir, estrondo mudo,  
com minha mão fechada. Em outras palavras,  
até que tudo então coincida à risca com.  
otxet o

*Ut crimina poesis*

Para meu próximo passo,  
senhoras e senhores,  
eu precisaria de algum pequeno objeto  
pessoal de seus bolsos. Chave,  
isqueiro, cigarros, caneta, tanto faz.  
Ótimo, senhora, uma chave.  
Agora, não se deixe iludir por truque algum e veja  
diante de seus olhos uma transformação.  
Abro a mão e onde estava a chave, uma moeda.  
Segure. Você deve estar pensando,  
o que aconteceu com a chave? Um momento.  
Olhe em seu bolso. Ela foi devolvida a você  
junto com minha moeda.

